

A cultura e os votos

Paulo Pestana

Os candidatos a governador no Distrito Federal não têm a menor idéia do que fazer na área cultural. É compreensível. Projetos culturais não são exatamente uma mina de votos, e hoje em dia a guerra é para se eleger, com o mínimo comprometimento possível, já que outras áreas já exigem uma considerável demanda de promessas.

Eventualmente os candidatos falam em apoio, como Valmir Campelo, que prometeu revitalizar o combalido pólo de cinema e vídeo de Sobradinho, além da reativação do Teatro da Praça em Taguatinga. Não diz exatamente o que quer, mas espera produzir alguma coisa numa área que não é muito dele.

O candidato do PT, Cristovam Buarque, seria mais próximo de uma preocupação cultural, mas ele está empenhado em provar que prefere resolver o problema de água da Samambaia e o dos esgotos da Agrovila São Sebastião. Maria Abadia também tem propostas genéricas para a cultura, ao contrário de outras áreas, já bem divididas.

O que, afinal, pode fazer o novo governador pela cultura local? Para começar, uma revisão no papel da Fundação Cultural do Distrito Federal, órgão criado para captar os recursos que uma Secretaria de Cultura, por lei, não pode receber. É o aluguel de teatros e salas que estão sob sua administração. Isso demora. O atual secretário de Cultura, César Baiocchi, já ocupa boa parte de seu tempo nesta tarefa que equivale, numa administração, a construir obras de saneamento básico, as tais que não aparecem.

A Fundação Cultural precisa de novas funções e mais agilidade. Só que não se pode apostar na inércia enquanto o processo de reforma administrativa engatinha. É preciso, rapidamente, colocar todos os espaços públicos do Distrito Federal em condições de funcionar. Não é preciso muito dinheiro para isso, e com um pouco de boa vontade tudo pode andar.

É preciso entregar os espaços para suas destinações, delimitar

áreas para cada manifestação. Se o Espaço 508 Sul tem servido para exposições de artes plásticas e cursos, que continue assim. O Cine Brasília precisa de uma sala coadjuvante para apresentação de mostras estrangeiras e filmes que atraiam público menor, a Sala Funarte pode ser setorizada para música popular, e assim por diante.

Não é preciso muito para manter o Clube do Choro em pé. Reaberto na base da raça, o movimento do chorinho na cidade cresceu tanto que em poucos dias já são quatro os grupos fixos de chorões. Há menos de um mês só havia um deles. O próximo governador tem tudo para fazer uma programação permanente de cultura na cidade com poucos gastos, bastando entregar os espaços para as entidades organizadas da cidade, como o

Clube Amigos da Ópera, os Amigos da Orquestra Sinfônica, o Clube do Choro, a Associação de Artes Cênicas e assim por diante.

Ao governo, bastaria cobrar a utilização dos espaços. Não em dinheiro, mas em trabalho, exigindo a ocupação dos espaços. O Conselho de Cultura

cumpriria bem o papel de fiscalizador dos espaços, com poderes para interferir.

A administração da cultura não é uma tarefa penosa, que exija muito tempo do governador. Tem tudo, ao contrário, para ser uma bandeira de ação do novo governo, uma maneira de humanizar ainda mais a cidade, de aumentar a estima que o brasileiro tem por sua cidade, de fazer com que o cidadão desligue a televisão e saia de casa.

É hora de pensar a cultura não como uma obrigação, mas como um prazer. Quem sabe no futuro as atividades culturais não dêem votos?

CORREIO BRASILENSE

**É hora
de pensar
tão
importante
setor
não como
obrigação,
mas
como um
prazer**

05 SET 1994